



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

DIFERENÇA, BULLYING E PRECONCEITO: ACOLHIMENTO PEDAGÓGICO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA NO AEE

Victor Souza Santos¹; Charles Maycon de Almeida Mota²

1. Bolsista – PROBIC/UEFS, Graduando na Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: victorsantos.educ@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: cmamota@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Diferença; *bullying*; preconceito.

INTRODUÇÃO

Para que possamos interpretar as práticas de violências que até hoje são materializadas contra os corpos vulnerabilizados, não podemos jamais perder de vista a base da natureza sociocultural em que são produzidas as mais variadas e multifacetadas relações desiguais de poder entre os indivíduos e a sociedade. O estudo da violência constitui elemento fundamental sobre como as instituições sociais, como a escola, lidam com esse fenômeno complexo e multifatorial. Dentre as manifestações de violências que se refletem no interior das instituições escolares, o *bullying* e o preconceito têm habitado as preocupações que vêm sendo largamente debatidas e pesquisadas no contexto educacional. Desse modo, o presente plano de trabalho é um desdobramento da pesquisa “Violência Escolar: Discriminação, Bullying e Responsabilidade”, que faz parte de uma das linhas de pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (GEPEI/UEFS). Objetivei nesse trabalho compreender como as professoras que atuam nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) desenvolvendo o Atendimento Educacional Especializado (AEE), criam e implementam propostas pedagógicas que promovem o acolhimento de estudantes com deficiência. Dos objetivos específicos delineados, visei: 1. Identificar por meio da entrevista narrativa as experiências pessoais e profissionais que moldaram as identidades das docentes para atuação no AEE; 2. Identificar por meio das narrativas das docentes elementos que caracterizam o acolhimento pedagógico no processo de inclusão dos estudantes com deficiência; 3. Investigar como as docentes que desenvolvem o AEE, percebem e lidam com as manifestações do *bullying* e preconceito contra estudantes com deficiência.

METODOLOGIA:

Neste estudo, adotamos uma abordagem qualitativa ancorada na pesquisa narrativa com enfoque biográfico-narrativo. O enfoque biográfico-narrativo nos orientou a compreender as experiências de vida das professoras, considerando os elementos significativos de suas realidades, entendimentos de mundo e processos subjetivos que revelam sentidos e significados, contribuindo para a investigação narrativa (Mota, 2022). Contribuíram para este estudo duas professoras, que desenvolvem o AEE em escolas públicas de contextos distintos do município/distrito de Feira de Santana. A primeira atua em uma escola que oferece Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, enquanto a segunda trabalha em uma escola que oferta os Anos Finais do Ensino Fundamental. Ambas são docentes efetivas com mais de uma década de experiência no AEE.

Como instrumento de coleta de dados, realizamos entrevistas narrativas em momentos distintos, nos respectivos espaços das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) onde as professoras desenvolvem o trabalho pedagógico. As entrevistas, que duraram aproximadamente 1 hora, foram conduzidas com base em eixos temáticos previamente definidos para atender aos objetivos da pesquisa. As professoras foram convidadas a narrar suas experiências pessoais e profissionais que moldaram suas identidades como docentes do AEE, além de abordar o acolhimento pedagógico e suas percepções e formas de lidar com situações de *bullying* e preconceito contra estudantes com deficiência.

Os dados produzidos a partir das narrativas foram analisados sob o paradigma da análise compreensiva-interpretativa. Esse modo de análise se destaca por sua metodologia baseada na dialogicidade, centralizando as trajetórias de vida, os percursos de formação e profissão, além de valorizar as narrativas no processo de construção do fenômeno das experiências. As entrevistas foram gravadas mediante a autorização das participantes e posteriormente transcritas. Também disponibilizei duas cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para assinatura, abordando as questões éticas relativas ao estudo.

ANÁLISE E/OU DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados desse estudo são apresentados através da análise compreensiva-interpretativa das narrativas descritas abaixo, com efeito dos eixos disparadores que direcionaram as discussões, a constar:

Narrativas biográficas das professoras-colaboradoras

Ao entrelaçar as narrativas biográficas das professoras do AEE, objetivamos compreender como as trajetórias e as experiências relacionadas à vida-formação-profissão foram motivadoras para atuação das professoras nesse lugar tão singular da docência que é o Atendimento Educacional Especializado. Nesse sentido, os relatos evidenciam os percursos que moldaram a identidade docente, a formação e compromisso com a inclusão. Sabemos o quanto as nossas experiências pessoais podem ser constitutivas para os caminhos que desejamos e trilhamos em nossas vidas. A pergunta inicial que realizei em ambas entrevistas com as professoras foi sobre o que as motivou e afetou em seus percursos, esse foi o modo-chave para acessar as suas biografias. Assim, as colaboradoras narraram: “No ano de 2008, eu tive minha primeira experiência com a Educação Inclusiva. Eu trabalhava na época na turma de primeiro ano do ensino fundamental e nós recebemos duas alunas. Uma no turno da manhã, que tinha paralisia cerebral e outra no turno da tarde, que tinha síndrome de Down” (Professora Carla, entrevista narrativa, 2024) / “Essa experiência que eu fui tendo até chegar na Educação Especial... na verdade, a Educação Especial sempre esteve em mim, porque sempre, todas as salas eu tinha crianças com deficiência, todas” (Professora Uini, entrevista narrativa, 2024). Eis, que, portanto, são essas as dimensões que enunciam os agenciamentos do nosso ser-no-mundo, da qual fala Josso (2006), o nosso vir a ser é tangenciado pelos elos, conexões, emoções e afetos que conduzem os nossos movimentos. Ao nos depararmos com os relatos e trajetórias de vida-formação-profissão dessas professoras por meio das entrevistas, podemos perceber o quão os seus percursos são conduzidos por fios condutores que se entrelaçam. Desse modo, que as experiências e narrativas presentes nas biografias das professoras fizeram emergir aspectos fundamentais dos significados pessoais e profissionais nos fazendo compreender como foi moldada a formação da identidade docente para atuação no AEE e seus olhares sensíveis no compromisso com a inclusão.

A formação como base para a construção do acolhimento pedagógico

No paradigma da perspectiva da Educação Inclusiva que qualifica este estudo, sobremodo, considerando as narrativas que caracterizam o trabalho desenvolvido pelas

professoras-colaboradoras do Atendimento Educacional Especializado (AEE), o acolhimento sugere a adoção de uma responsabilidade e compromisso na construção de estratégias pedagógicas que perpassam proeminentemente a formação coletiva de todos os atores sociais que fazem parte da escola regular. Como veremos nos excertos das falas das professoras-colaboradoras: “[...]fizemos formações não só com os professores, mas também com todos os outros profissionais da escola para entender como lidar com aquela criança, os direitos que ela tinha enquanto sujeito, então buscamos essa questão da formação” (Professora Carla, entrevista narrativa, 2024); “[...] eu ia ajudando essas professoras no planejamento e na elaboração de atividades. Toda a busca que vinha eu dava um retorno. Então, esse retorno eu acredito que essa parceria [...] eu acho que foi um caminho que a gente construiu, né, de parceria, de diálogo. [...] o outro caminho, que não é só o caminho do fazer, é o caminho da formação” (Professora Uini, entrevista narrativa, 2024). Podemos verificar que para as professoras, lidar diretamente com a questão da formação ocupa a centralidade do movimento que consolida o acolhimento pedagógico, que não se restringe apenas a um atendimento individualizado ou meramente nas relações transversais entre Sala de Recursos Multifuncionais/sala comum. Mas, abrange em sua amplitude uma ação política compromissada com os estudantes com deficiências e o reconhecimento das suas diferenças no âmbito da comunidade escolar.

Percebendo o *bullying* e o preconceito na escola: o olhar das professoras do AEE

O Programa de Combate à Intimidação Sistemática, Lei Nº 13.185/2015, tipifica o *bullying* como “todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre [...] em uma **relação de desequilíbrio de poder** entre as partes envolvidas (Brasil, 2015, grifo nosso). Buscando compreender se essas relações de desequilíbrio de poder são expressadas no ambiente escolar contra os estudantes com deficiência, questionei como as professoras-colaboradoras e a própria instituição escolar têm percebido essas manifestações de violências. Uma das professoras nos informou “A gente sabe que o *bullying* tem muito esse caráter velado [...] às vezes a vítima passa, a ser também agressor e a gente vê muito isso aqui na escola..., mas não é voltado para a criança com deficiência, porque, por exemplo, na turma do quinto ano, que é algo tão presente, tem uma criança que tem TEA e outra tem Síndrome de Williams [...] por isso que eu digo que não é algo próprio, voltado para a deficiência” (Professora Carla, entrevista narrativa, 2024). Neste trecho da narrativa é ilustrada pela professora a sua consciência sobre como o *bullying* se apresenta na faceta de uma aparente violência ora de caráter “velado” e pela paradoxal trama, onde, por vezes, o alvo da violência torna-se também o agressor (Crochík, 2015). O preconceito é um outro modo de violência que se manifesta na sociedade e consequentemente na escola. No preconceito há uma forte tendência de projeção dos medos e expectativas sobre as vítimas/alvos. Em suas ocorrências é visível que “há uma negação em aceitar o outro” (Galuch et al, 2020, p. 9). Essa mesma professora evidencia um caso emblemático que ocorreu na instituição escolar “[...] quando chegou para nós o primeiro caso de autismo [...] foi um momento difícil para nós, porque os pais chegaram a querer fazer um abaixo-assinado para solicitar que retirasse aquela criança da sala... Eu lembro que eles questionavam muito se ter essas crianças na sala, se isso não ia comprometer a aprendizagem das outras crianças. E não foi fácil naquele período” (Professora Carla, entrevista narrativa, 2024). Podemos perceber que houve uma distinção no que tange a experiência de percepção do olhar de cada professora acerca do *bullying* no cotidiano escolar, em sua fala a Professora Uini, quando indagada a respeito dessa violência tendo como alvo os estudantes com deficiência, afirma: “Sim, acontece. Acontece muito. Algumas vezes eles não percebem. Eles contam tentando entender o que está acontecendo, eles não estão entendendo que o *bullying* está acontecendo, mas eles relatam. Quando eles relatam, a gente também faz aqui esse trabalho, de fazê-los perceber” (Professora Uini, entrevista narrativa, 2024).

Coexistindo com as diferenças na escola: estratégias de formação frente ao *bullying* e preconceito

Os dados apresentados aqui demonstraram como as professoras-colaboradoras lidam com as atitudes de *bullying* e preconceito quando essas ocorrências se manifestam na escola. Assim, as professoras narraram “**A gente foi trabalhando essas relações, essa questão da convivência com as diferenças**, é um trabalho que a escola desenvolve desde o Grupo 4 até o 5º ano. Começamos a fazer **assembleias de turma** [...] a gente percebe até hoje que surte um efeito pra tratar essas questões da convivência” (Professora Carla, entrevista narrativa, 2024) / “São vários movimentos que a gente faz. A escuta, que a gente faz aqui na Sala de Recursos chamo de escuta afetiva, a gente escuta esse aluno, dialoga com ele, vê formas com ele logo no início de combater. A gente vai para as turmas, todo início de ano eu vou em todas as turmas, falo não só da Educação Especial, mas eu falo também do *bullying*, da diversidade, do respeito” (Professora Uini, entrevista narrativa, 2024). Essas experiências narradas pelas duas Professoras são exemplos de como a prática pedagógica quando engajada socialmente e politicamente compromissada pode transformar a escola em um potente espaço de formação, na construção de uma política de solidariedade que vai de contra a lógica de como as violências se orquestram em nossa sociedade. Desse modo, as estratégias de formação frente ao *bullying* e preconceito que foram apresentadas nas narrativas das professoras-colaboradoras são potencialmente transformadoras e podem iluminar os mais diversos contextos educacionais que buscam estabelecer uma gramática de coexistência com as diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos a partir das entrevistas narrativas nos revelam o quanto as professoras do AEE têm suas experiências de vida e atuação profissional implicadas com as questões relacionadas a inclusão e o quanto disso se reflete em um comprometimento político com os estudantes com deficiências. Compreender como as professoras que colaboraram com esse estudo desenvolvem propostas pedagógicas de acolhimento, bem como percebem e lidam com as atitudes de *bullying* e preconceito contra os estudantes com deficiências, pode-se constituir um modo-chave de conhecimento contra a cultura hegemônica que historicamente ronda a sociedade – e consequentemente afeta as instituições sociais, como as escolas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13185.htm. Acesso em: 15 ago. 2024.

CROCHIK, José Leon. Formas de violência escolar: preconceito e bullying. **Movimento-revista de educação**, n. 3, 2015.

GALUCH, Maria Terezinha B. **Bullying e preconceito não são brincadeira: reflexões sobre a violência escolar** / Maria Terezinha Bellanda Galuch ... [et al.]. — São Paulo: Benjamin Editorial, 2020

JOSSO, Marie Christine. **As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 373-383, maio/ago. 2006

MOTA, C. M. de A. **Ser-na-roça: ruralidade da presença e experiências do ser-docente**. 2022. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2022.